



RESENHA

EM BUSCA DE UM CIRCO COM IDENTIDADE SUL-AMERICANA

Teresa Ontañón Barragán¹

Resenha do livro: INFANTINO, Julieta (org.). *A arte do circo na América do Sul: trajetórias, tradições e inovações na arena contemporânea*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.

Possivelmente a maioria dos pesquisadores da temática já tentaram definir o significado da palavra circo. Arte do insólito, do inesperado, do difícil, do diverso, do extraordinário, da proeza, do risco ou do espetáculo. Arte que acontece no picadeiro, embaixo da lona, no teatro, mas também nas ruas, nas praças, nos sinaleiros e nas escolas ou universidades. Diversidade de adjetivos e locais que não somente demonstram as inúmeras formas de entender o circo, mas remetem à amplitude da própria arte. A pergunta que segue... Existem vários tipos de circo? Circo tradicional, circo família, circo de lona, circo contemporâneo, circo novo... são diferentes? Como? O que esses conceitos específicos carregam na sua significância?

Essas e muitas outras questões são apresentadas no livro *A arte do circo na América do Sul*, organizado pela pesquisadora e professora argentina Julieta Infantino. Obra que apresenta um riquíssimo intercâmbio entre especialistas, professores, pesquisadores, gestores e artistas de diversos países que debatem sobre os caminhos percorridos pelo circo na América do Sul. Dentre os convidados para compor o livro, há renomados autores brasileiros, argentinos, uruguaios e chilenos que vivem, respiram e conhecem profundamente o circo, não apenas do país de origem, mas também dos vizinhos.

Assim, em mais uma ocasião, o Sesc, cuja editora publica a obra, mostra a potência da instituição como promotora de cultura no Brasil, reconhecendo a importância da linguagem circense no âmbito artístico e cultural por meio deste livro. Não é a primeira vez que isso acontece, pois a instituição já há muito tempo realiza diversos eventos e atividades regulares de divulgação e formação relacionadas ao circo que vêm contribuindo para a difusão da arte por meio de espetáculos, mesas redondas, oficinas, entre outras ações que estimulam o debate e a visibilidade da arte circense no mesmo nível de outras artes.

¹ Professora doutora do curso de Educação Física da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ituiutaba; membro e pesquisadora do grupo Circus (FEF/Unicamp). E-mail: teresa.barragan@uemg.br.

Nesta ocasião, o livro, teve como objetivo principal discutir o passado, o presente e o futuro do circo sul-americano, incluindo questões que nem sempre são consenso entre os autores, dentre as quais aspectos históricos, estéticos, educativos e políticos do circo, buscando aprofundar as incansáveis análises teóricas produzidas nestes países e mostrar como, ao contrário de que se pensa nos chamados países desenvolvidos, o circo na América do Sul nunca esteve tão vivo e nunca foi tão estudado.

A obra, está organizada em cinco partes ou “atos circenses”, reunidos de acordo com as temáticas abordadas. No primeiro deles, os quatro capítulos versam principalmente sobre questões históricas e conceituais, sendo o primeiro deles escrito pelos brasileiros Daniel de Carvalho Lopes e Ermínia Silva e intitulado “A contemporaneidade da teatralidade circense: diferenças e reexistências nos modos de se fazer circo”. Nele é levantada a importância de debater e questionar a história importada da Europa, assim como suas classificações e conceitos, uma bandeira que já é recorrente nos trabalhos dos autores e que é extremamente necessária para podermos pensar, de fato, um circo sul-americano.

Dando continuidade, o capítulo “Circo e gênero: as mulheres e suas possibilidades de existência simbólica e material”, da pesquisadora brasileira Maria Carolina Vasconcelos Oliveira, traz uma interessante revisão histórica sobre o papel que as mulheres circenses têm desempenhado ao longo da história e leva a reflexão sobre as questões de gênero no universo do circo, tema que tem sido pouco explorado pelos estudos acadêmicos.

Já os capítulos 3 e 4, de origem argentina e chilena respectivamente, apresentam uma revisão histórica mais recente, focada nas décadas de 1980 e 1990, período de pós-ditadura destes países. “O surgimento e o desenvolvimento do novo circo em Buenos Aires, Argentina”, da pesquisadora argentina Laura Mogliani, translada o leitor para o território argentino por meio de um relato histórico detalhado do desenvolvimento do circo portenho. Já o capítulo “Não acontecia apenas conosco... estéticas e políticas de um circo em construção”, da pesquisadora chilena Macarena Simonetti, apresenta o “renascimento” do circo a partir dos anos 1990 no Chile, após um longo período de repressão e colapso cultural no país.

O segundo ato do livro, que apresenta mais quatro textos, busca discutir a contemporaneidade do circo, transitando entre “o novo” e “o velho”. O primeiro, “Circo: arte limite”, escrito pelo único autor não sul-americano, o pesquisador francês Jean-Michel Guy, explora as principais características contemporâneas, indicando como a estética tem caminhado para o que ele denomina “espetacularização da proeza esportiva”, perdendo nesse caminho parte da provocação, da transcendência de limites e do radicalismo que o circo apresentou em outros momentos da história.

No segundo capítulo, nomeado “Arte do circo: arte ‘popular’ ou simplesmente arte generosa? Possibilidades para o futuro do circo no Brasil”, o pesquisador e artista Rodrigo Matheus traz a história mais recente do circo brasileiro, especificamente no estado de São Paulo, por meio da trajetória artística do Circo Mínimo, companhia do autor, e estimula a investir na pesquisa em circo para evitar a repetição e o esvaziamento estético da arte.

Seguindo no circo brasileiro, o capítulo “O espetáculo de circo social: a configuração de uma linguagem própria”, do professor Fabio Dal Gallo, fala sobre o fenômeno que utiliza a linguagem circense como ferramenta pedagógica e de transformação social, dimensão esta que, especialmente no Brasil e em vários outros países sul-americanos, trouxe modificações no modo de organizar o trabalho e a produção de espetáculos, o que foi um diferencial importante em comparação com os países europeus e norte-americanos.

Para encerrar o ato, a pesquisadora argentina Antonela Scattolini Rossi traz no seu texto “Entre a tenda e a academia: significados, conotações e tensões no circo contemporâneo argentino” uma revisão histórica e epistemológica e um mergulho nas variantes “circo tradicional”, “circo moderno”, “circo contemporâneo” e “circo novo”, explorando tais conceitos a partir de estudos de autores europeus e argentinos. A autora aprofunda o assunto quando fala sobre a apropriação do termo “circo contemporâneo” no contexto argentino e apresenta o “circo *criollo*” desenvolvido especificamente na Argentina e no Uruguai, assim como o “circo de rua”, hoje consolidado em vários países da América do Sul, em que artistas se apresentam em praças e sinaleiros, lutando contra a informalidade e as más condições, mas fazendo da arte uma opção de vida.

Os quatro textos do terceiro ato do livro, escritos por mulheres, artistas e pesquisadoras sul-americanas, tratam das tensões entre criatividade e técnica. No primeiro deles, intitulado “Uma estética do risco: treinamento acrobático e configuração sensível”, a argentina Mariana Lucía Sáez apresenta um estudo etnográfico no âmbito das acrobacias e trata da relação risco-beleza inerente ao espetáculo circense, na qual se faz necessário transcender a técnica para dar espaço ao discurso poético que proporciona a conexão com o espectador. Ao pensarmos em uma rede sul-americana e na potencialização dos estudos da região, seria interessante para o debate dialogar com o livro *Risco como estética, corpo como espetáculo*, da brasileira Marina Guzzo (2009), que estudou profundamente a materialidade do risco no corpo acrobata.

No segundo capítulo, Virginia Alonso, em “Arte, corpo e técnica: fragmentos de uma etnografia do circo em Montevideú, no Uruguai”, apresenta

uma pesquisa sobre as particularidades locais na década de 2000 e debate a centralidade da técnica e do corpo e sua relação com a comunicação e expressão nas apresentações.

Na sequência, em “Ofício, técnica e arte no circo”, Erica Stoppel continua o debate conceitual sobre o circo e os elementos que o constituem. Nele, a autora apresenta discussões que seguem na linha do capítulo anterior a partir de novos ângulos e referências que ajudam a enriquecer o conhecimento sobre a arte circense. No final do texto, a autora convida a abrir o circo a novas artes, diálogos, experiências e conhecimentos e apresenta um caminho possível quando afirma que, “se na América do Sul faltam recursos para fazer um circo tecnológico, é possível fazer um circo artesanal; se as técnicas de alto nível não chegaram aos domínios nacionais, podemos fazer circo com técnicas de origens próprias, sem cópias e modelos a serem espelhados” (p. 202).

Para encerrar o terceiro ato, a argentina Jesica Lourdes Orellana, em seu artigo “Para uma política estética do circo em Córdoba, na Argentina: Festival Circo en Escena”, discute alguns conceitos tratados ao longo deste ato a partir da perspectiva deste festival, questionando os usos e apropriações que os artistas participantes realizam em relação a temas como corpo, texto ou imagem e como através deles os artistas conseguem comunicar ideias.

O quarto ato, intitulado “Novos espaços culturais para o circo”, reúne textos sobre novas experiências sul-americanas e espaços de luta que estão sendo criados para legitimar o lugar do circo nas diversas esferas da sociedade contemporânea. O ato é aberto pelo texto “Não somos fantasmas que circulam invisíveis nas universidades brasileiras, somos pesquisadores do circo!”, do professor Marco Antônio Coelho Bortoleto, no qual o autor faz um chamado de atenção ao aumento de pesquisas em circo e à presença desta arte em inúmeros espaços, tais como: Educação Básica e Superior, projetos sociais, escolas de circo, festivais ou espetáculos variados, instigando o leitor a considerar o circo como uma arte múltipla, diversa e eclética, que varia com o tempo e se adapta às novas exigências sociais.

A discussão é continuada no texto “Circo presente”, de Gerardo Hochman, em que ele apresenta a perspectiva argentina e conta como o circo vem tecendo suas relações com a universidade nesse país, de forma similar ao que tem acontecido nos países vizinhos.

Na sequência, o texto de Tomas Soko compartilha a experiência de criação e desenvolvimento do “Projeto Migra cooperativa cultural” que, por meio da autogestão de um coletivo de artistas, com muito trabalho vem conquistando diversos espaços na Argentina. O texto mostra a importância e a força dos coletivos, e isso também é reforçado no último texto do ato, escrito pela organizadora do livro, Julieta Infantino, intitulado “Reivindicar políticas e legislação para o circo na Argentina: o caso do Circo Abierto”. Nele, a autora, convida a notar o potencial transformador da arte circense na sociedade, introduzindo na discussão a necessidade da disputa política que o circo vem travando pela conquista de espaços mediante a criação, na Argentina, da Lei Nacional do Circo, idealizada e redigida por artistas que pertencem ao coletivo Circo Abierto, que tem como objetivo criar mecanismos e ações para melhorar o desenvolvimento do circo no país.

No ato final, são apresentados cinco depoimentos que incluem textos mais curtos e encerram o livro com importantes reflexões a partir de diversas perspectivas. O primeiro, do brasileiro Robson Mol, introduz a relação do circo com o espectador e incita a pensar na arte como uma ferramenta de emancipação, usando a comunicação artística para permitir ao espectador transcender o seu papel e se tornar ativo no âmbito social e político, enxergando o circo como um instrumento de mudança.

Já o argentino Pablo Tendela, num texto mais poético, faz pensar sobre o ritual da arte do extraordinário e questiona o fato de o circo ser considerado erradamente uma “arte menor”, afirmando que ele se alimenta de variedade e, por isso, consegue chegar a todas as pessoas, pois possui uma história nômade, marginal, que brinca com os limites, não discrimina e reúne linguagens artísticas diversas, tomando para si o que há de transcendental de cada cultura.

O texto seguinte apresenta a experiência pessoal do artista brasileiro Rafael de Paula com a modalidade mastro chinês, assegurando que, desde o início, ele teve o objetivo de criar uma linguagem própria que conseguisse comunicar por meio do corpo, dos movimentos e da técnica, mas também de uma forma poética.

Já o penúltimo capítulo, de Alejandra Jiménez Castro, traz a perspectiva chilena nas últimas décadas, principalmente associada ao desenvolvimento e à popularização do circo social no país da “faixa de terra longa e estreita” após os longos anos de ditadura militar.

Para encerrar o livro, a brasileira Verônica Tamaoki, no texto “Sou de circo!”, apresenta a bela experiência da criação do Centro de Memória do Circo, que hoje conta com um impressionante acervo sobre o circo e sua

história e se organiza em diversos núcleos dedicados à pesquisa, à difusão de conteúdos e à formação, tendo uma exposição permanente já visitada por mais 200 mil pessoas, cifra que comprova o valor formativo e a importância desses espaços culturais.

No final do livro, são retomados os objetivos da obra e, no epílogo, escrito pela brasileira Fernanda Vilela, é possível finalmente entender um deles: o de promover o desenvolvimento do Circo Futuro, plataforma que busca apoiar o desenvolvimento da arte na América do Sul, mediante a criação de uma rede internacional de operadores, produtores, centros culturais, escolas de circo, festivais e coletivos de artistas de diferentes países. Vilela destaca em seu texto que as ações do coletivo buscam o reconhecimento e o desenvolvimento de um circo sul-americano autoral, inovador, plural, profundo e atual mediante ações de pesquisa, produção de conhecimento e experimentação artística.

De fato, os textos do livro apresentam debates, consensos e opiniões diversas, mas confluentes na ideia de valorizar e desenvolver o circo. A obra traz inúmeros e diversos argumentos que utilizam referenciais diferentes e exploram as diversas realidades regionais. Todos os autores tocam em temas imprescindíveis e vitais para o desenvolvimento do circo e, sem dúvida, contribuem para alcançar um circo sul-americano desvinculado dos velhos discursos europeus que nem sempre se encaixam neste continente, sonhando assim que o circo sul-americano possa voar só, com seus próprios artistas, gestores, professores e pesquisadores.

Não obstante, para alcançar esses fins, deve-se investir não somente em pesquisa e produção de conhecimento, pois serão necessários esforços maiores que busquem, principalmente, fomentar o diálogo entre os países sul-americanos, assim como incluir outros atuantes no âmbito do circo no continente, como Peru e Colômbia, entre outros que não figuram no livro. Se o objetivo é criar um circo com identidade sul-americana, é vital criar laços, falar linguagens similares, conhecer e explorar os referenciais produzidos nessas regiões. Dentre as inúmeras possibilidades, o formato do livro, separado em capítulos de diversos autores provenientes de países diferentes, lembra a obra *Circo: Horizontes educativos* (Bortoleto; Ontañón; Silva, 2016), que teve objetivos similares, utilizando como nexos o papel formativo e educativo do circo, e que reuniu mais de uma dezena de experiências sul-americanas.

Em relação à discussão recorrente sobre a necessidade de classificar o circo em períodos, ciclos ou nomenclaturas diferentes, inclino-me mais a não enxergar a história do circo como uma linha cheia de rupturas ou com circos diferentes, como é descrito em alguns capítulos do livro. Em contrapartida, esse percurso se configura como uma linha cheia de ramificações,

em constante mudança, pautada na reinvenção e na transformação, que se adapta às condições e características de cada tempo e região em que transita, como destacam Lopes e Silva (2020).

Enfim, nos últimos anos, os países da América do Sul têm se destacado mundialmente pelo volume e pela qualidade de suas pesquisas sobre circo, tendo material abundante para alçar a voz e dizer ao mundo “Ei! Estamos aqui!” e, dessa forma, reescrever a história que, às vezes, nos foi imposta. Trata-se, pois, de garantir a contemporaneidade e a idiossincrasia do circo sul-americano, sustentadas na pesquisa, na renovação, na inovação e na celebração da diversidade.

REFERÊNCIAS

- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; SILVA, Erminia. *Circo: Horizontes Educativos*. Campinas: Autores Associados, 2016.
- GUZZO, Marina. *Risco como estética, corpo como espetáculo*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2009.
- LOPES, Daniel de Carvalho; SILVA, Erminia. “CIRCO: percursos de uma arte em transformação contínua”. *Cadernos do GIPE-CIT: Grupo interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade*, v. 1, pp. 86-100, 2020.